



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Rayssa Galdino Marinho da Silva

O OLHAR E O (IN)VISÍVEL:
uma análise da obra “ensaio sobre a cegueira”

Rio de Janeiro
2016

Rayssa Galdino Marinho da silva

**O OLHAR E O (IN)VISÍVEL:
uma análise da obra “ensaio sobre a cegueira”**

**Projeto de monografia apresentado à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio –
Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como
requisito parcial para aprovação no Curso
Técnico em Gerência em Saúde.**

Orientador(a): João Roberto Maia da Cruz

Rio de Janeiro

2016

*Dedico esse trabalho a todos que se preocupam com
a necessidade de ter um olhar mais crítico para a sociedade.*

AGRADECIMENTOS

Sou grata primeiramente a Deus pela força me que deste para a realização desse trabalho, as pessoas que me orientaram, ao professor Diego Reis que esteve comigo no início me ajudando a escolher o título e da o ponta pé inicial e ao meu orientador João Roberto que esteve até o fim comigo, me auxiliando, fazendo as devidas correções para que pudesse acontecer este resultado. Agradeço a Escola (EPSJV/ Fiocruz) pela oportunidade de realizar um trabalho que serviu de experiência que será levada comigo em toda minha trajetória. Meu agradecimento também vai pra minha família, amigos da escola e os de fora da escola pela paciência que tiveram comigo durante a minha dedicação a elaboração da monografia.

*É preciso sentir a
necessidade da
experiência, da
observação, ou seja, a
necessidade de sair de
nós próprios para
aceder à escola das
coisas, se as
queremos conhecer e
compreender.
(Émile Durkeim)*

RESUMO

Este projeto tem como objetivo estudar a construção da questão do olhar e da cegueira, do visível e do invisível, por meio da análise da obra “*Ensaio sobre a cegueira*”, de José Saramago, desde uma perspectiva filosófico-literária. Tomando por ponto de partida a compreensão da ideologia expostas em obras do escritor e tendo como foco central o exame da obra e suas questões, buscaremos discutir o modelo de sociedade ali apresentado, bem como os aspectos da epidemia de cegueira que assola os personagens. Neste contexto, tomaremos por referência a representação da cegueira e do olhar também na mitologia, mais especificamente a partir do *Mito da caverna*, de Platão. O tema será estudado, portanto, pela análise do romance de Saramago e de textos críticos que privilegiam as articulações entre o olhar e o ver, por meio das quais será possível compreender a questão.

Palavras-chave: (olhar; cegueira; ensaio)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
1.1 SINOPSE	09
2 CAPÍTULO I	10
3 CAPÍTULO II	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5 BIBLIOGRAFIAS	27

1 INTRODUÇÃO

O olhar não cessou de ser tematizado ao longo da história da literatura no Ocidente. Em diferentes formas e perspectivas, não se deixou também de colocar em questão a cegueira, como metáfora do caos ou como deficiência física, para tematizar uma privação, uma condenação ou até mesmo um *excesso* de saber.

O ato de olhar e não reparar pode significar uma espécie de cegueira com implicações fortes na experiência contemporânea. Pergunto-me se não estamos cegos ao aceitar viver num sistema como o capitalista, cada vez mais voltado para a maximização do lucro, da rentabilidade, em detrimento do interesse de grande maioria.

Não é de estranhar que, na filosofia, a coruja seja o símbolo da sabedoria, pois, por mais que levante seu vôo ao entardecer, tem uma capacidade de enxergar muito além dos olhos humanos. Então, esta ave é um belo exemplo, pois enxerga além, independentemente da escuridão da noite, nos colocando diante de um aparente paradoxo.

Ao buscar um tema para este trabalho, pensei que gostaria que fosse algo com relevância social e que pudesse de certa maneira estabelecer uma reflexão sobre o modo de vida contemporâneo. Nas aulas de filosofia comecei a pensar na “sensibilidade do olhar”, ou melhor, na capacidade de alguém conseguir reparar de forma diferenciada, para além do comum ou banal captado por olhos desatentos.

Fui apresentada, pelo professor da disciplina de filosofia, à obra *Ensaio sobre a cegueira* e foi aí que pensei na possibilidade de articular a literatura a uma reflexão filosófica e social. Deparei-me então, com a versão fílmica da obra, *Blindness*, em inglês (2008), dirigida por Fernando Meirelles, que foi muito bem elaborada não deixando de fora a intensidade do desmoronar daquela cidade. O filme me estimulou através das fortes imagens dos limites do ser humano sendo testado, a dar continuidade ao tema.

Então o objeto deste estudo é o romance “*Ensaio sobre a cegueira*”, de José Saramago, de 1995, e nele pretendo investigar de que modo o autor trata de questões políticas e existenciais de suma importância por meio da relação entre a visão e a cegueira, o claro e o escuro, sob uma ótica filosófico-literária.

Em “*Ensaio sobre a cegueira*”, os indivíduos de uma cidade, exceto uma mulher, vão gradualmente sendo acometidos por uma cegueira *branca*, sendo, conseqüentemente, colocados

em situações precárias de quarentena, onde se iniciam os conflitos mais acirrados da narrativa. Nesta obra são evidentes os problemas trazidos pela ausência da visão, resultando no caos e na barbárie que, progressivamente, vão dominando toda a sociedade.

A Obra possui um grande teor de crítica social. Em uma entrevista do jornal Folha de São Paulo [4], José Saramago menciona que “Estamos todos cegos”. Pois é exatamente isso que retrata a sociedade e grande metrópole contemporânea de Saramago. A cidade fictícia da Obra não é nomeada e assim, representa qualquer lugar do mundo e os personagens também não recebem nomes, sendo então, citados de acordo com suas características ou alguma ocorrência que nos remeta ao personagem.

O romance *Ensaio sobre a cegueira* dialoga com um grande mito, o *Mito da Caverna*, VII livro da República, Platão (1993). Porém, Saramago estabelece o oposto, pois enquanto no mito a luminosidade que liberta e traz visão nítida de todas as coisas, está no exterior (fora da caverna), no *Ensaio* a luz que trouxe a cegueira encontra-se dentro. Assim, a cegueira branca designada no Romance, ajusta-se no esclarecimento sobre “si mesmo” em um cenário contemporâneo, confuso e delirante da Grande metrópole narrada na obra.

Em suma, nosso intuito será o de analisar a obra a partir de alguns elementos estruturais da narrativa como: enredo, personagens, espaço. Procurarei levar em conta a própria palavra “ensaio” do título pensando em seu peso na obra. E a questão que norteará o trabalho é pensar de que modo questões relativas à cegueira e ao olhar são trabalhadas no romance de Saramago e de que maneira podemos analisá-las. Ao longo do texto que será desenvolvido, por meio da análise da obra com apoio de alguns textos críticos, procurarei dar conta de tais questões, tendo como objetivo maior explicitar a importância do “reparar” em sociedade para evitar o caos.

1.1 SINOPSE

Em um cenário de caos no trânsito frente a um semáforo de uma cidade contemporânea, é onde ocorre (de forma repentina) o primeiro caso de uma cegueira branca que começa a alastrar como uma epidemia. É quando o sinal abre que se manifesta o primeiro cego espantado com o ocorrido, é guiado até sua casa por um ladrão que lhe rouba o carro, nem imaginava que seria o segundo a cegar. O terceiro cego é o próprio médico oftalmologista a quem a mulher do primeiro cego o leva, e após a reparação dos óculos escuros.

Para ser contido o contágio do mal branco o governo toma a providência de mandar os contaminados para uma espécie de manicômio da cidade, os isolando com condições de segurança (soldados armados). A mulher do médico (única a não ser contaminada misteriosamente e secretamente), ao buscar ajuda para seu esposo, finge estar cega para que possa acompanhar seu marido, sendo eles os primeiros a ser levados para lá.

Rapidamente o manicômio fica cheio de pessoas cegas umas com boa índole e outras com má índole, que terão ali experiências horríveis. Estes cegos são citados por alguma característica, pois ali já não faz diferença nomes ou status. A mulher do médico passa a ser os olhos daqueles que não podiam ver, uma espécie de guia (anjo da guarda) naquele lugar.

As necessidades e luta por sobrevivência vão aumentando, dentro daquele manicômio, fazendo com que haja atitudes extremas como, por exemplo, mulheres estrupadas para ter em troca alimentação, a anjo da guarda do romance chega a matar para preservar a si e aos demais.

Quando os sobreviventes daquele manicômio são guiados finalmente para fora dali, a mulher do médico vê a cidade toda destruída, exposta a sujeira, condições miseráveis, os olhos da imagem de Santos vendados. É apresentado um verdadeiro caos de uma sociedade cega e fica em aberto o que aconteceria com aquelas pessoas.

2 Capítulo I

O mundo literário do escritor português José de Sousa Saramago nos leva a uma reflexão mais profunda sobre a vida. Um autor que, em obras como *Levantado do chão* (1980), *Memorial do Convento* (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) e *História do Cerco de Lisboa* (1989), conseguiu criar um mundo ficcional que lança outras luzes sobre a realidade histórica ao abordar temas com um olhar diferenciado. Um cidadão sempre ativo e atento ao que acontecia em sociedade, Saramago encontrou na literatura a possibilidade de expandir questões de grande relevância social.

Associamos o movimento de José Saramago à tentativa de desvendar o mundo e como um mestre passar à frente o seu aprendizado. Nessa perspectiva, sua obra confirma a seguinte reflexão de Jean Paul Sartre:

(...) podemos concluir que o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade... a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele (SARTRE, 1993: 21).

José Saramago nunca escondeu seu apoio ao comunismo, e em Portugal militou no PCP (Partido Comunista Português), o que explica, em parte, tamanha criticidade em suas obras e também o fato destas irem em direção a idéias opostas ao capitalismo. É então aí que podemos perceber a coerência entre a trajetória política e o olhar crítico que o escritor lança sobre a sociedade em seus livros, no qual os primeiros tratam de histórias, situações e conflitos de Portugal.

Ateu e comunista, o polemista Saramago desmitifica o poder absolutista e satiriza a corte, como em *Memorial do Convento* (1982). Revelando sua denuncia ao passado de equívocos. Autor de diversos livros, carregava consigo experiências como a que teve no Partido, nos jornais e a experiência dos períodos decisivos que viveu em Portugal, como a Revolução dos Cravos (que marca o fim da ditadura salazarista). Tal conjunto de experiências favoreceu a visão crítica de Saramago sobre a realidade da nação, que se vale da relação entre história e ficção.

Em seu romance *Levantado do chão* é forte o propósito de denúncia da exploração dos trabalhadores rurais, colocando o foco nas lutas de pessoas que foram desprezadas por histórias oficiais, dando voz a elas.

Trata-se, nesse romance de uma história apoiada na realidade da concentração fundiária e do esforço dos trabalhadores pra se “levantarem do chão”. Saramago expressa sua revolta com as desigualdades sociais através de gerações de uma família fictícia de alentejanos (naturais de Alentejo, região de Portugal) de sobrenome Mau-tempo, nome que é bem sugestivo frente à precariedade em que viviam. O tempo passava, mas continuava sendo constante a pobreza destes trabalhadores do campo (um dos efeitos da ditadura de Salazar) e ao mesmo tempo Saramago consegue relatar as transformações que foram necessárias, mostrando o movimento da construção dos indivíduos em sua inserção na sociedade. Assim, o escritor “levanta do chão” lutas históricas, lutas de classes.

Mais uma vez, de forma a denunciar um passado, em *Memorial do convento* realiza o escritor a ação de subverter a história realizando uma ruptura com o que está por oficial. O romance tem como protagonista Blimunda e Baltazar, personagens que são gente do povo, dando grande importância aos trabalhadores e reconhecendo seus esforços na construção do Convento de Mafra. É como se José Saramago ampliasse uma grande fotografia e olhasse para as minúcias nem sempre notadas. Além disso, desmitifica e ridiculariza a corte, diferentemente de antigos cronistas do reino. O final da construção do Convento não é, aos olhos de Saramago, mais importante do que todo o processo.

Através do heterônimo de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, é exibida uma forma de contemplar um espetáculo do mundo em *O ano da morte de Ricardo Reis*. Saramago traz a indiferença perante o espetáculo de um período entre guerras (início da ditadura Salazarista, avanço do nazi-fascismo, guerra civil espanhola), um comportamento de inação do protagonista. Sem julgamentos explícitos este é mais um romance que faz pensar e refletir sobre a identidade nacional. Saramago explora o impossível colocando Ricardo Reis em contato com Fernando Pessoa (criador de Reis já morto, que não poderia terminar a história de sua criatura ficcional) e assim mostra a magia da literatura, onde tudo é possível.

Em *História do Cerco de Lisboa* uma história é modificada por um “não”. Saramago torna evidente o efeito de uma palavra, assim mais uma vez nega a história oficial e a reinventa. O personagem principal Raimundo Silva faz tal alteração em um livro que ele apenas deveria revisar, assim tem a possibilidade de criar sua própria história. Raimundo possui então o desafio de recontar algo que já faz parte da memória coletiva, temos então nesta obra a representação do Cerco como algo que impede (a paixão entre Raimundo e Mara Sara) e quando ele cai representa

então uma ruptura. É a própria história que está cercada. Vemos que a história é sempre transmitida conforme o olhar, a escolha e interpretação de quem a escreve.

O professor da UFRJ e pesquisador André Bueno aponta o que chama de “Trilogia involuntária” de José Saramago, que inclui as obras: *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *Todos os nomes* (1997), *A Caverna* (2000). André Bueno sugeriu tal trilogia, pois estes livros foram publicados um após o outro, seguindo características muito próximas.

Se outrora Saramago tratava das questões sociais inserindo-as em Portugal. Nesta trilogia o escritor não deixa este contexto espacial estabelecido, traz características que possibilita ao leitor pensar em qualquer lugar, um lugar indeterminado, portanto.

A crise do capitalismo atual, o qual tem exibido máximos em avanços, como o tecnológico, ao mesmo tempo que amplia as desigualdades sociais, tem contribuído para que o uso da razão se torne cada vez mais irracional, levando a uma cegueira contemporânea que induz os humanos, em diversas situações, a irem em direção aos comportamentos primitivos.

José Saramago nas obras desta trilogia involuntária explorou os vieses negativos, colocando os personagens comuns (sem grandeza heróica) em situações críticas, em relação as quais seria possível demonstrar o nível de irracionalidade que se encontra a sociedade atual. Em *Ensaio sobre a cegueira* como será exposto no próximo capítulo, os personagens são atingidos por uma cegueira branca. Em *Todos os nomes* é relatada a ilusão da preocupação com controle através de registro civil e em *A caverna* relativamente à passagem do campo para a cidade, Saramago atualiza o mito platônico da caverna, sugerindo a caverna que ainda vivemos, no entanto em aspectos contemporâneos.

A ausência de definição de espaço e os finais em aberto são ricos instrumentos utilizados pelo escritor. Elaborou com astúcia essas ficções e trouxe refletida nelas uma modernidade com riscos por trás do que parece tão banal. O escritor não dá ao leitor uma solução utópica para as questões em jogo, não cria “os finais felizes”, o que ele traz é uma meditação sobre as dificuldades quanto ao futuro das nossas sociedades.

O escritor foi considerado um provocador tanto por seus temas quanto por sua forma de escrita. Quando nos deparamos com as obras de Saramago o estranhamento acontece, pois este tem uma maneira pessoal de pontuar seus textos. Ele lança mão de longos parágrafos e utiliza com liberdade as pontuações, o que torna a leitura lenta e pode causar certo estranhamento a quem não está habituado a ler seus textos. Seria fácil se pudessemos receber um manual de

instrução de como ler um livro de Saramago, mas como isso não existe, logo o que podemos fazer é estar bem atentos.

Quando se iniciam as falas podemos de imediato sentir a ausência dos travessões, que deveriam aparecer antes de falas em um diálogo, conforme aprendemos na escola. Saramago utiliza as pontuações reinventando-as conforme o ritmo dado pela oralidade. Sendo a vírgula o sinal de pontuação de maior relevância, marcando as intervenções das personagens, o ritmo e as pausas. Trata-se de recurso expressivo inovador sobre o qual o próprio autor escreveu:

Cadernos de Lanzarote — Diário II (1994): “(...) É como narrador oral que me vejo quando escrevo e que as palavras são por mim escritas tanto para serem lidas como para serem ouvidas. Ora, o narrador oral não precisa de pontuação, fala como se estivesse a compor música e usa os mesmos elementos que o músico: sons e pausas, altos e baixos, uns, breves ou longas, outras.”

É presente nas obras do escritor aspectos como a manifestação frequente do narrador por meio de comentários, o que obstaculiza a identificação das vozes participantes; a mistura de discursos diretos e indiretos; o tom concomitantemente cômico, catastrófico e épico e também o discurso reflexivo.

Saramago faz de suas obras uma forma de capturar a atenção de muitos, pois não está preocupado com a linguagem, mas sim com a possibilidade de nos seus romances falar sobre verdades universais, ou seja, encontra na literatura uma forma de expor a crítica da experiência contemporânea, mostrando possível a unificação da arte à questão de cunho político e social.

3 Capítulo II

Por um lado há avanços tecnológico-científicos, entre outros, ocorrendo a todo vapor no mundo, porém a humanidade precisa saber usá-los para que nos tragam progressos. Também há retrocessos e problemas fundamentais ainda não resolvidos. Estas são questões que encontramos ao olhar para a rica obra *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago.

Esse romance faz com que o leitor, ao refletir sobre os personagens, também se ponha em questão e isto é uma das particularidades do escritor. E ao apresentar a obra Saramago em 1995 diz: “Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo. Nele se descreve uma longa tortura. É um livro brutal e violento e é simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da minha vida. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso.” (JOSÉ SARAMAGO, 1995)

Quando pensamos na obra analisada, verificamos que a sociedade em questão é uma sociedade contemporânea, industrializada, tecnológica, onde os personagens estão submetidos a excessos. Há tanto para se ver e as pessoas acabam por não ver nada. Nesse sentido a epígrafe é incisiva. “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” Ou seja, trata-se de fazer com que o leitor possa refletir sobre a distinção que há nestas ações que aparentemente são tão semelhantes.

Saramago demonstra que sua intenção é advertir o leitor para que este saiba reparar, ou seja, que tenha uma visão sobre as coisas ao nosso redor no mundo e ao longo do romance consegue chamar atenção para alienação presente na sociedade. Para tanto, faz uso de algumas metáforas a partir da epidemia da cegueira (que acomete aqueles que têm visão e não conseguem ver ou se recusam a ver), a qual leva a humanidade a uma desordem.

De antemão o título nos traz o termo “ensaio”, que, segundo o dicionário Houaiss, entre outras acepções, significa: “ação ou efeito de testar (algo) ou de agir, sem que se tenha certeza do resultado final; primeira tentativa, experiência”. Esta palavra pode remeter, assim, a um momento em que uma ação é realizada sem a certeza do resultado final. No romance é perceptível o choque que ocorre quando os personagens têm a certeza de estarem cegos e de que é necessário viver naquela nova condição de cegueira. Portanto ensaiam um novo viver sem saber o que sucederá. Pode-se pensar ainda no ensaio enquanto gênero textual: “... por assim dizer solta o espírito, que,

instigado pela imaginação, pode proceder por tentativas, experimentar por tateio... pode caminhar por sondagem, aventurando-se no desconhecido.” (Arriguci Jr., 1992, P. 193).

Entretanto, José Saramago não escreve um ensaio, como pode sugerir o título, mas um romance. Nele os personagens tateiam, experimentam, aventurando-se no desconhecido. Tratando a cegueira como metáfora do caos no mundo contemporâneo, no qual os seres humanos vão se tornando cegos ao longo do livro.

Saramago inicia o romance de forma a explicitar o cenário moderno em que se passa a história, inserindo o leitor no cotidiano. Momento caótico de uma sociedade (o trânsito) no qual muitos se encontram com intensa impaciência, querendo todos chegar a seu destino, muitas das vezes ultrapassando regras (o que não deixa de ser uma espécie de cegueira cotidiana, entre outras). E assim é naquele lugar de passagem que o narrador chama a atenção para as coisas mais banais, fazendo que reparemos como a faixa de pedestres parece com uma zebra, ou sugerindo ironicamente que os semáforos talvez sejam a causa da maioria dos engarrafamentos. Então a atenção do leitor é canalizada para um local, pelo qual o pedestre passaria talvez em um minuto e o motorista estaria atento ao momento mais ansiosamente esperado (o sinal verde). Em um cenário tão comum o choque que esperaríamos seria talvez de uma colisão entre veículos ou talvez um atropelamento, ou até mesmo um problema mecânico no carro, como o narrador chega a referir-se. Porém Saramago traz um choque incomum que nos faz sair do banal para o extraordinário. Uma cegueira repentina em meio ao trânsito. É exatamente neste lugar de tensão, no qual a visão é imprescindível para todos, que surge o primeiro cego da cidade, apesar de os olhos deste apresentar-se aparentemente em perfeito estado, aumentando o estranhamento. Portanto, por qual motivo cegaria (de forma tão repentina) este rapaz?

A razão é dada como o mais adequado meio de organizar o que é real. Ser racional é o que distingue o homem dos outros animais. Como diz Aristóteles, a razão é o que move o ser humano. Quando declaramos que alguém se encontra “cego” de amor, ou “cego” pelo medo, estamos fazendo menção a um lapso da razão, isto é, a uma carência de visão esclarecida das coisas. E esta cegueira coletiva em sociedade impossibilitaria haver a organização necessária por falta de razão.

—[...] esses cegos de uma cegueira branca e luminosa, associável talvez ao excesso - de luz, de sinais, de informações, de fragmentos, de estímulos, de velocidade sem repouso - são arrastados para a exclusão, [...] (Bueno, 1999)

Que mal poderia ter o branco, cor que dentro da história da humanidade, majoritariamente simboliza a pureza, a paz, e outras qualidades com carga positiva? Muitas pessoas no *réveillon* escolhem usar roupas de cor branca, para que no próximo ano tenham paz, calma, pureza. A estranheza está quando um autor resolve trazer o branco como interdição de algo (visão). E passa a tratar uma epidemia de cegueira como “mal branco”

O primeiro cego do romance relata que se sentia como se tivesse caído em um mar de leite (ao contrário da cegueira, que conhecemos como escuridão, não claridade) E o que seria esta brancura, esta luminosidade presente na cegueira apresentada por Saramago? Seriam as luzes da cidade? Esta tamanha exposição à luz prejudica o ato de enxergar. Lembre-se que a cor branca é a “mãe de todas as cores” por ser a junção de todas as cores. Assim, o branco representa a exposição constante aos estímulos visuais da contemporaneidade, tal qual a análise esclarecerá.

A atitude do Ministério da Saúde é a de mandar os acometidos pelo mal branco para uma espécie de manicômio, acreditando que a epidemia atingiria apenas uma minoria. Porém foi um engano, pois todos os cidadãos, independentemente de status ou classe social, vão sendo atingidos, até mesmo representantes do Ministério da Saúde. A única exceção é a mulher do médico que se torna um “guia”.

Condições precárias de alimentação e higiene tornam aquele lugar indigno para seres humanos. À medida que o número de cegos aumenta, torna-se difícil e logo impossível a convivência, e fora do manicômio a cidade vai se deteriorando por não existir lá quem enxergue para que se realize a organização social. Governo, policiais (estes que estão para realizar a ordem) e todos serão atingidos e terão seus olhos impossibilitados de realizar sua principal função.

O Estado, enquanto órgão legítimo de exercício de poder soberano em nome do e sobre o coletivo, em meio ao caos delibera a mensagem citada abaixo (que provavelmente não eram as palavras que os cegos esperavam ouvir) para os indivíduos que seriam separados, a fim de apenas proteger o restante da população desta epidemia. O absurdo da mensagem passada aos cegos está na iniciativa do governo em pedir responsabilidades dos cegos e apenas isolar a população, o que prova que o governo também faz parte desta cegueira.

“O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento em que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações pessoais, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional... O

Governo e a Nação esperam que cada um cumpra o seu dever. Boas noites" (SARAMAGO, 1995, p. 194).

Estreitam-se as relações humanas, mas paradoxalmente elas se tornam pouco a pouco desumanas, devido à ampliação da praga, que possibilita aos seres humanos, outras formas de reconhecimento mútuo que deixam seus instintos fluírem. A mulher do médico chega a afirmar:

[...] nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse [...] (SARAMAGO, 1995, p. 64).

Em várias passagens do romance, vemos que a cegueira presente nesta situação de desumanização significa descaso e insensibilidade perante o infortúnio do outro. Com o primeiro cego já surgem os atos de violência, pois um homem se aproveita de seu estado de cegueira para tirar proveito de seu bem material. Sendo que aquele que rouba não imaginava que mais à frente também estaria cego. A violência, o descaso vão surgindo ao longo do romance, conforme toda sociedade passa a cegar.

Ao serem levados para o manicômio e começarem a não ter mais suas necessidades básicas garantidas, os novos cegos precisam lutar pela sobrevivência e é aí que se fortalece a insensibilidade, pois são despidos de suas posições de humanos e passam a viver como bichos, guiados pelo instinto.

Os que ali morriam eram enterrados, não possuíam assistência fúnebre, então os próprios cegos os enterravam no quintal (parte externa do prédio). Os guardas lhes cediam uma pá para que cavassem o buraco e o corpo fosse deixado.

No momento em que cresce esta situação de cegueira assemelha-se um momento de teste, no qual seria possível verificar os limites dos humanos e examinar como se comportariam estes, caso todos ficassem cegos em uma situação de grande caos social.

José Saramago consegue nos lembrar da responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam. A mulher do médico sente o pesar de uma responsabilidade social. Ela se dispôs a ser os olhos daqueles cegos, a ser uma espécie de guia.

O filósofo Platão acreditava que existem dois mundos. Um dos sentidos e um das idéias (realidade x aparência). No Mito da Caverna ele explica esta sua teoria, mostrando, através daqueles personagens acorrentados, que só enxergavam sombras através de um feixe de luz, o quão a visão da realidade é distorcida a partir de informações que recebemos ao longo da vida.

Assim como os personagens do Mito, os personagens do *Ensaio sobre a cegueira* não estavam a reparar, pois não se libertavam da superficialidade da visão para chegar a aprofundamentos, estavam igualmente acorrentados em diversas cavernas, as quais no mundo contemporâneo chamaríamos “alienação”.

Seria um choque para um indivíduo que passou a vida acreditando que o mundo é de um jeito se de repente fosse obrigado a ver que na verdade é de outro, ou seja, ter que passar a enxergar o mundo de outro modo. Isso é o que ocorre com os personagens do romance.

Em uma sociedade alienada socialmente, o diferente é o ser “não-alienado”, é não ser contaminado por este “vírus”. Os personagens estão anestesiados pela realidade e assim faz-se o uso irracional da razão.

Estar de olhos vendados em uma das brincadeiras infantis (cobra cega) ou ser guiado de olhos fechados em um caminho por um amigo pode ser muito divertido. Mas quando se trata de um cego guiar outro cego o assunto perde o humor. Quando até os membros do Ministério cegaram, quando todos perderam a razão. Por quem e como seria guiada aquela sociedade?

Os cegos que eram levados ao manicômio, quando chegavam se guiavam apoiando uns nos outros é através de uma corda esticada do portão até a porta do prédio. Após a chegada do médico e de sua mulher, esta propõe ao primeiro grupo de cegos um método para determinar a quantidade de pessoas ali presentes. Eles foram instruídos a dizer, em voz alta, números um após o outro em ordem crescente, para que fosse feita a contagem de quantos estavam ali. Porém, ao longo do tempo, esta contagem é perdida, por causa do excesso de pessoas.

A situação de cegueira geral impossibilita formas de controle e convivência civilizada, o que leva ao crescimento da violência. Antes da epidemia já existiam os cegos de nascença, adaptados a viver sem a visão, tendo vantagens nisso perante o caos. Já existiam também os bandidos que não deixam de ser tais como eram, na nova situação. Tudo isto piora o quadro da sociedade.

Havia duas alas. A ala onde se encontrava o médico dos olhos se apresenta com um pouco mais de sensibilidade e consideração entre os que lá se encontravam. Ao passo que na outra se encontravam os bandidos, cegos que possuíam armas.

Os bandidos achavam que ali estavam a reinar, pois o líder deles possuía uma arma, o que fazia que eles estivessem em uma posição privilegiada perante os demais. Porém a mulher do médico era a que possuía a melhor arma: a visão. Entretanto desejou por um momento cegar, pois

lhe trazia angústia olhar para todo aquele estado de calamidade em que se encontravam aqueles cegos.

As condições já eram das mais precárias, a alimentação precisava ser racionada, no banheiro havia necessidades fisiológicas para todo o canto. Imundícies faziam parte daquele ambiente. Porém ainda houve espaço para a desonestidade. Os bandidos começaram a exigir que aquelas pessoas do manicômio se curvassem diante das vontades deles para que sobrevivessem. Eles possuíam a vantagem de ter ao lado deles um cego de nascença com habilidades já desenvolvidas (o cego da contabilidade).

A obtenção de lucro é um dos principais objetivos do sistema político-econômico chamado capitalismo. Quando os bandidos passam a agir de forma a obter lucro mesmo na situação caótica dos personagens do romance, verificamos que a cegueira destes bandidos pode ser caracterizada como a daqueles que pensam no capital acima de questões sociais e também colocam-se decisivamente como seres individualistas.

Pertences de valores financeiros (alguns com valor sentimental também) começam a ser tomados pelos bandidos, que estavam a controlar os alimentos que chegavam. Quando não havia mais pertences, começaram a exigir que as mulheres entregassem seus corpos para os prazeres sexuais dos bandidos. Houve a tentativa defensiva do primeiro cego que não gostaria que sua esposa vendesse o corpo em troca de comida. Trata-se de um momento de zelo, e ele chega a dizer que a dignidade não tem preço.

Porém a escolha final partiu da própria mulher ao decidir, juntamente com as outras, a ceder o corpo em troca de alimentação. Ainda assim, tendo as moças satisfeito às vontades carnis das daqueles homens reduzidos aos seus instintos mais primitivos, não receberam a quantidade necessária de alimentos ou a quantidade que recebiam antes, além de saírem daquele momento de abuso extremo com uma moça morta.

A mulher do médico, com um objeto perfurante, vai até a ala dos bandidos em um desses momentos de seu prazer sexual e mata o bandido líder. Naquela situação de injustiça sentiu-se impulsionada a ter tal atitude para que outros cegos, que eram vítimas daquela liderança, pudessem se alimentar. Expôs-se então a uma situação de risco para tentar trazer um dos meios de sobrevivência, a alimentação. Alguns cegos murmuram querendo saber quem matou o líder, alegando que antes ao menos possuíam alimento e agora estavam a se preocupar com a proteção da guerra que se iniciaria.

Ir contra uma liderança parece ser arriscado pelo medo dos oprimidos de perder os mínimos que ainda conseguem. Segundo o filósofo Immanuel Kant : “(...) O homem é o próprio culpado dessa minoridade se a causa dela não se encontrar na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. (...)”(KANT, 1974, p.100). Conforme o pensamento de Kant, os cegos que preferiram não ter tirado o líder de sua posição, se encontravam em minoridade pela preguiça e covardia. E para sair desta situação precisariam fazer o uso da razão.

O que vê realmente é a faculdade da razão. Pensando a partir desta afirmação podemos avaliar que o fato de ter olhos, para aquela sociedade, era algo insuficiente. Pois a função que Saramago nos leva a pensar está associada ao uso da razão na experiência contemporânea.

Inconsequentemente os seres humanos cegam-se dia após dia. A modernidade nos traz diversos estímulos visuais que paradoxalmente desestimulam a visão. Há tanto para se ver, cujo resultado é não se ver nada. Por qual motivo olharia um rapaz possuindo bens (como um ótimo *smartphone*) em mãos, para um problema sócio-político? A sensibilidade do olhar é necessária em diversas situações e está cada vez mais incomum. Aonde chegaria a humanidade seguindo estes passos e tornando invisível o que é visível? Podemos associar esta inconsequência também a um momento no *Ensaio sobre a cegueira* em que a mãe do rapazinho estrábico esperava para que seu filho fosse atendido pelo médico de olhos e ao chegar um problema mais urgente, que é preciso passar na frente, murmura e protesta que era seu o direito por estar à espera primeiro. Apresenta-se então a insensibilidade e impaciência no distanciamento entre os indivíduos na sociedade moderna que os levam a “olhar para o próprio umbigo”.

O filósofo contratualista do século XVIII Jean-Jacques Rousseau (ROUSSEAU 1987) chega a concluir que a sociedade em que vive é que corrompe o homem. Seguindo a lógica de que quando o homem passa a socializar inicia-se o conflito, digamos que o estado de calamidade a que chegou a sociedade do romance confirma que se instaurou um caos. Então os humanos não souberam conviver, chegando a perder a razão cegando.

A guerra iniciou-se no momento que a mulher do médico, vai contra as ordens estabelecidas pelos dominadores. Tal decisão influencia outros cegos a quererem ir atrás da alimentação (seus direitos) e estes passam a confiar ainda mais nela, a qual declara que podia ver quantos havia ali. Colocando-se em posição de ataque, uma das cegas (a mulher do isqueiro) atea fogo na ala dos bandidos.

Quando sentem a fumaça, os cegos tentam se direcionar para a saída do manicômio. Este é um dos momentos que tira o fôlego do leitor. Saramago consegue nos levar a imaginar a aflição que ocorrera naqueles instantes, quando cegos tentam se guiar para uma saída. Em termos metafóricos, haveria saída para aqueles afetados pelo mal da cegueira branca? A saída que buscavam não era somente a de passar pelos portões, era também a de não ser mais cegos e não mais se encontrar naquele ambiente de imundícies. Saindo dali achavam que escapariam (pelo menos da morte causada pelo fogo), porém como estariam as ruas das cidades, o que os esperava do lado de fora senão o caos?

A mulher do médico começa a gritar pedindo que os guardas não atirassem, porém estes não estavam mais ali. As autoridades também cegaram. Os guardas do manicômio haviam cegado. Quem ajudaria aqueles cegos? Quem olharia por eles? Se até aqueles com quem talvez pudessem buscar ajuda cegaram. A mulher do médico é quem abre os portões, pois desde o início ela é colocada como a guia neste romance. Quando abre os portões é como se ela libertasse os outros que por si só não podiam guiar-se.

Ao amanhecer a mulher do médico conduz seu grupo (a rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta, o rapazinho que parecia estrábico, a mulher do primeiro cego, o marido dela e o médico) em uma fila na qual quem tem olhos e vê (a mulher do médico) vai à frente e os que não vêem, apesar de possuí-los, vão atrás.

O narrador descreve como se encontra a cidade, deserta por ser cedo ou pela chuva que caía, fazendo que os cegos se abrigassem. Havia lixo por toda parte, abandono das lojas com suas portas abertas. A mulher do médico deixou os cegos em uma loja e foi à busca por alimentos. Chegou a ser comparada pelo narrador a uma figura materna, a qual protege os seus e vai à luta por eles. Podemos ver uma constante luta por alimentação desde que se inicia a epidemia, pois seria a falta de alimentos o que fisicamente mais afetaria uma população em caos.

O narrador afirma que se perdeu o costume de desejar “bons dias” pelo fato de dias de cegos não serem bons, mas também por não haver o controle quanto a ser dia ou noite. Então ironiza com humor e também sugere ao leitor uma reflexão sobre o cotidiano no qual a preocupação com problemas a serem resolvidos ou a pressa para chegar ao trabalho tem tornado raro estes cumprimentos, as pessoas mal se percebem, mal enxergam os detalhes a sua volta como ficou dito no início da análise.

Em termos de luminosidade, os cegos eram os que mais a possuíam, pois estavam mergulhados em um mar de leite. Quando a mulher do médico descobre um local para pegar alimento, se sente como os outros cegos, mas a diferença está na cor, pois aquele local está tomado pela escuridão plena. Naquele momento ela diz saber o que é ser cego, pois precisou ir pouco a pouco ao encosto da parede sem saber o que poderia suceder. Isso até encontrar fósforos, que lhe trazem iluminação. E logo ao sair dali tem que enfrentar uma luta para conseguir voltar à loja com todos os alimentos desvencilhando-se cegos famintos que a atacam. Tal cena deixa evidente a redução dos homens à condição animal e selvagem, nesta disputa por alimento.

No momento em que a chuva cai, os seres humanos naquela situação vêem-se necessitados de aproveitá-la de alguma forma. Uns abrem a boca virados para o céu de forma a consumi-la, outros aproveitam para lavar o corpo.

O grupo de cegos da mulher do médico vai até a primeira casa mais próxima, a da rapariga de óculos escuros, e esta resolve ficar para aguardar seus pais que não estavam mais lá. Entretanto a mulher do médico insiste para que vá com eles neste diálogo:

“...Vem comigo, vem para nossa casa, E eles, O que vale para ti, vale para eles, mas é sobretudo a ti que eu quero, Porquê, Eu própria me pergunto porquê, talvez porque te tenhas tornado como minha irmã, talvez porque o meu marido se deitou contigo, Perdoame, Não é crime para necessitar perdão...” (SARAMAGO, 1995, p 242.).

Perante o adultério de seu marido com a rapariga, que a mulher do médico presenciou, a reação não foi a que seria normalmente esperada. Ela abraçou a outra e chegou a afirmar mais à frente que o que sentiu foi dó dos dois. E como podemos ver no fragmento acima, a mulher do médico passou a considerar a rapariga uma espécie de irmã, sentiu-se responsável por ajudar a conservar aquela vida. O que fica evidente é que, naquele momento de perdas colossais, certas convenções sociais não fazem sentido.

Em um dos diálogos o grupo de cegos chega a questionar sobre a existência de um governo e a citar um governo de cegos que governaria outros cegos. A cegueira é uma figura comumente utilizada para se referir aos governos contemporâneos, os quais parecem tapar os olhos para a precária realidade da população. Mais à frente eles discutem a ideia de se separarem, chegando à conclusão da importância de se manterem juntos, pois podiam contar com os olhos da mulher do médico para ajudá-los a ter organização.

O cachorro é o melhor amigo do homem, já estamos cansados de ouvir tal afirmação e por isso ele ainda é um dos animais mais domesticados, um animal companheiro, capaz de expressar

sentimentos com os quais nos identificamos. No *Ensaio sobre a cegueira* há um momento em que o narrador descreve uma cena (a que somente a mulher do médico tem o desprazer de assistir), em que este amigo do homem devora um homem aparentemente pré-morto. Na falta de alimento próprio para os bichos, a solução era a de se alimentar da carne que pudessem aproveitar, e isto não seria diferente com os humanos que se reduziram a bichos (tanto que a mulher do médico refere-se ao morto como “cão”), comendo carne crua de alguns animais, de forma que não eram habituados a fazer. Quem sabe não haveriam também de praticar em algum momento o canibalismo, que na contemporaneidade é condenado por questões de ética e moral.

A casa do médico e de sua mulher é comparada a um paraíso quando chegam, ainda que contivesse coisas afetadas pelo tempo. É sugerido por um dos cegos que retirassem os sapatos para não levarem as impurezas de fora para lá e assim tornar-se infernal aquela espécie de paraíso. Com certeza foi uma boa ideia e a mulher do médico não perderia seu tempo dizendo como de costume: não é necessário que retirem os sapatos, fiquem à vontade.

No romance era grande a espera pela chuva, pois poderiam então armazenar a água, já que os controladores de água nas cidades também estavam cegos. Todos sabemos que a água é um bem muito fundamental para a vida e tem se tornado muito precioso em termos de preço. Refletimos então na atualidade na qual a água tem sido manipulada por dominadores cegos para as necessidades das pessoas com menores condições econômicas que pensam em acúmulo de capital.

Olhar verdadeiramente os olhos dos outros é algo que o médico afirma que faria caso voltasse a ter olhos. Desde o início sua posição e seu conhecimento enquanto médico dos olhos não ajudaram a solucionar a epidemia da cegueira branca. Isso porque o problema diz respeito ao âmbito social e não medicinal, problema este que atingiu até mesmo ele, um especialista em olhos. E para o médico, uma das conseqüências está na afirmação referida, a qual revela que houve uma reflexão sobre seu antigo modo ver, que não diz respeito apenas a seu trabalho, mas a uma maior compreensão dos outros na vida.

O sentimento amoroso estabelecido entre o velho da venda preta e a rapariga dos óculos escuros é mais um dos momentos no *Ensaio sobre a cegueira* em que o leitor vê-se convidado a ter uma pausa para uma maior reflexão. Segundo padrões ainda estabelecidos, o bonito junta-se ao bonito, o feio ao feio, o velho ao velho, o novo ao novo. Por isso, intimidado pela juventude da rapariga dos óculos escuros, o velho da venda preta resiste a declarar que gosta dela. Quando

finalmente o faz, a rapariga diz haver reciprocidade de sentimento, que gosta do velho e naquela nova experiência de vida, quer com ele viver (como nunca havia dito antes, pois apenas se deitava com outros homens sem ter sentimentos). O velho diz que se ela o tivesse conhecido com a visão de antes, certamente não gostaria dele, mas a rapariga responde que isso não tem importância, pois a mulher que ela se tornou gosta. E foi aos poucos que a rapariga conseguiu neste diálogo arrancar o que esperava ouvir do velho da venda preta:

“Tiveram esta conversa frente a frente, os olhos cegos de um fitos nos olhos cegos do outro, os rostos encendidos e veementes, e quando, por tê-lo dito um deles e por o quererem os dois, concordaram que a vida tinha decidido que passassem a viver juntos” (SARAMAGO, 1995, P.292)

Desgastada, a mulher do médico, nos braços do marido, guiou-se até uma igreja que estava com as portas abertas para que pudesse se recuperar. Aqui se encontra uma representação, segundo a qual o templo é o lugar onde forças são recuperadas através de Deus. Nesta igreja estátuas como a de Cristo na cruz estavam com os olhos com uma venda branca, e o narrador refere-se a diversas figuras com os olhos tapados que havia ali. Chega a levantar hipóteses do que ocorrera naquele ambiente sagrado. Poderia ser que o padre dali tivesse feito aquilo para que Deus não pudesse ver a barbárie que tomou conta da humanidade. Deixando-nos refletir através desta imagem, a qual poderia significar que ou Deus cegou-se para a humanidade ou escolheu não ver tamanho caos ou o ser humano decidiu cegar Deus.

Uma das cegas do romance, que havia se abrigado dentro deste santuário (ou por sentir-se mais protegida ou por estar em um lugar onde encontrou com as portas abertas), estranha que a mulher do médico pudesse saber que as imagens estavam daquele modo, então a mulher do médico chega a afirmar que “As mãos são os olhos dos cegos” (SARAMAGO, 1995, p 302) como justificativa. A ação de tatear é uma das formas que os cegos encontram para mesmo sem a visão, “enxergarem” o mundo. Não é a toa que os cegos se valem do recurso tátil para ler, utilizando o sistema Braille.

Em certo momento em que todos adormecem, a visão do primeiro cego retorna: ele pensa, quando viu tudo escuro, que houvesse adormecido, porém o que acontecera é que aquela escuridão lhe informava que sua visão estava a voltar. Acreditou de início que estava a passar agora para uma cegueira escura. Somente quando se encoraja a abrir-lhe os olhos é que percebe e anuncia com todo entusiasmo que voltara a enxergar, ressaltando que parece ver melhor agora.

Assim como tudo se iniciou neste cego, acreditam os outros que o fim da cegueira branca também começaria por ele, é o que ocorre.

Ensaio sobre a cegueira talvez nos faça pensar que vivemos em uma sociedade cega em muitos aspectos metaforicamente ou nos leve a imaginar o que aconteceria caso uma epidemia de cegueira física nos acometesse. A responsabilidade de ter olhos aumenta após esta rica leitura e pode nos fazer questionar se o que necessitamos realmente ver não tem se tornado invisível aos nossos olhos. Na última página do romance a mulher do médico está na janela, e ao olhar para o clarão do céu, pensa que agora por fim cegaria. Entretanto, ao olhar para baixo percebe que isso não ocorreu.

Saramago finaliza o romance de forma a não dar uma resposta exata se aquela sociedade se reconstruiria ou não. Deixa ao leitor a necessidade de reflexão. Conforme as pessoas vão recuperando a visão não se sabe se estarão realmente a levar todo aquele momento de caos como algo que lhes possibilitaria reconstruir o olhar e a maneira de viver, que não é a tarefa fácil. Podemos pensar que nasce ali uma terceira nova sociedade, pensando que a primeira é a que nasceu com visão, a segunda a que repentinamente cegou e a terceira a que voltou a ver. Ao leitor cabe repensar o modo de ver, não somente querer julgar se aqueles personagens honrariam a volta da visão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada neste trabalho teve como pano de fundo a questão do ver no corpo social atual, identificando as questões da cegueira presente no *Ensaio sobre a cegueira*. Foi possível compreender o quão perigoso é permitirmos que as coisas essenciais para vida em coletividade passe despercebida e se torne invisível aos nossos olhos.

Analisar o romance foi uma fascinante experiência. Possibilitou-me uma reflexão mais ampla sobre a alienação em que vivemos no sistema político-econômico predominante. Foi evidente que dentre obras de José Saramago há críticas e denúncias que seria muito proveitoso se todos tivessem a oportunidade de as ler.

Pude, então, enxergar a dualidade na metáfora da cegueira exposta no livro. A cegueira que não permite ver e a cegueira que, por não permitir que algumas coisas sejam vistas, propicia que outras possam ser reparadas. A condição em que se encontraram aqueles personagens (mergulhados em um mar de leite) nos possibilitou questionar e meditar por mais de um ângulo. O que nos aconteceria se nos tornássemos todos cegos? Será que já estamos cegos ou precisamos cegar para ver algo? Entre outras questões que nos ajudam a lembrar da responsabilidade de ter olhos.

Vimos então que a literatura enquanto arte é, e precisa ser cada vez mais, uma incisiva aliada ao tratar de questões sociais. Pois ela tem o poder de estimular os leitores com suas particularidades que não encontramos, por exemplo, nas folhas dos jornais. Atraente se torna ao vermos, como no *Ensaio sobre a cegueira*, a criatividade ficcional nos fazendo refletir sobre um problema real.

Em síntese, o que mais quisera eu neste trabalho, foi poder evidenciar a gravidade da posição de alienados em que se encontram os humanos. Alienação esta que pode nos levar a sermos nossos próprios destruidores. Visto que, já é visível (aos olhos que querem reparar) o poder destrutivo do homem, que pode, no limite, colocar em risco até a continuidade da existência humana no planeta.

5 BIBLIOGRAFIAS

ALLEMAND, Maria Lúcia. José saramago: Uma leitura de epígrafes. In: III Encontro de professores universitários brasileiros de literatura portuguesa. RJ: UFRJ/ Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, PP. 627-630

ARRIGUCCI, JR. Davi. Movimentos de um leitor. In: D'INCAO, Maria Angela e SCARABÔTOLO, Eloísa, Faria (orgs.). Ensaio sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras : Instituto Moreira Sales, 1992, pp. 181-204.

BAVCAR, Evgen. A Luz e o Cego. In: NOVAES, A. (org.) *Artepensamento*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do Olhar. In: NOVAES, A. (org.) *O Olhar*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

BUENO, André. Formas da crise: Relatos da condição humana no capitalismo avançado. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero07/ii.html>>. Acesso em 5 de novembro de 2015

BUENO, André. O inominável existe. Disponível em: <http://www.geocities.ws/ail_br/oinominaevelexiste.htm>. Acesso em 30 de junho de 2015

CHAUÍ, Marilena. Janela da Alma, Espelho do Mundo. In: NOVAES, A. (org.) *O Olhar*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

CRUZ, João Roberto Maia da. Sobre os sentidos da história e a cegueira da razão. *Revista Formação* (Curso de Pós-Graduação em Geografia). Presidente Prudente, UNESP, 2000, pp. 13-20.

DEL, Elizabeth. Categorização e imagens no Ensaio sobre a cegueira. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/artigo-171.pdf>>. Acesso em 29 de junho de 2015

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O Que Vemos O Que nos Olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

FILOSOFIA, Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778). Disponível em: <http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=92>. Acesso em 5 de novembro de 2015

HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://biblioteca.uol.com.br/>>. Acesso em 7 de janeiro de 2016
KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? p.100–116. In: Textos seletos. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

LOPES, Gilberto. A violência é cega: Reflexões em torno de Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/1_artigo.pdf>. Acesso em 1 de Julho de 2015

PLATÃO. *A República*. São Paulo, 6º ed. Editora Atena, 1956, PP. 287-291

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Pensar é Estar Doente dos Olhos. In: NOVAES, A. (org.) *O Olhar*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

PIRES, Anderson. As impurezas do branco: Ensaio sobre a cegueira como distopia positiva. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2012/03/8-as-impurezas-dobranco.pdf>>. Acesso em 25 de junho de 2015

PRAXEDES, Walter. *Ensaio sobre a cegueira*: a cegueira como metáfora no livro de José Saramago. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/088/88praxedes.htm>>. Acesso em 25 de junho de 2015

ROUSSEAU, Jean- Jacques. *Do contrato social*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987. (Os pensadores).

SAEB, Souha. Rupturas em ensaios sobre a cegueira de José Saramago. Disponível em: <<http://www.unisa.br/graduacao/humanas/letra/alunos/rupturas-ensaios-sobre-a-egueira.pdf>>. Acesso em 14 de outubro de 2015

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. Diário II. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

_____. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo, Companhia das Letras, 2008

_____. Ensaio sobre a cegueira: depoimento. [28 de novembro de 2008] São Paulo: *Sabatina promovida pelo jornal Folha de S. Paulo*. Entrevista conduzida por Vaguinaldo Marinheiro.